

Fotografia: Arquivo Pessoal da entrevistada, 2020.



**ENTREVISTA**

**Representatividade Feminina:** a inspiradora trajetória da 3º Sargento Darilene, a primeira Policial Militar do Pará em missão de paz da ONU.

Josivane do Carmo Campos  
Taiane Figueiredo

**D**arilene Monteiro Moura, 36 anos, Policial Militar há 12 anos, tornou-se, em 2018, a primeira mulher do Estado do Pará selecionada para integrar o grupo de militares brasileiros na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA). Formou-se em Letras, Licenciatura em Língua Francesa, pela Universidade Federal do Pará, e atuou em unidades de Missões Especiais, como o agora Batalhão de Rondas Ostensivas Táticas Motorizadas (ROTAM), o Regimento de Polícia Montada (RPMONT) e o Batalhão de Polícia de Choque (BPCChoq), onde serve atualmente. A trajetória dela é prova de que, na Polícia Militar do Pará, a mulher tem ocupado, com qualidade, espaços antes restritos à presença masculina. A história da 3º Sargento Darilene, que já foi secretária, doméstica, babá, operadora de caixa e técnica em enfermagem, inspira a todos. E mostra o crescimento da mulher na PMPA, hoje protagonista de capítulos importantes para a Corporação, dentro e fora do Estado. Por tão importante destaque, a Revista Científica da PMPA traz esta entrevista para continuar enaltecendo a presença feminina que, neste ano, comemora os 40 anos do ingresso das Mulheres na tão digna Corporação de Fontoura.

**Figura 1** – Mapa do continente africano ilustrando a República Centro-Africana.



**Fonte:** Adaptado por designers da PMPA a partir dos dados dos sites Brasil Escola e Depositphotos, 2022.

*"Desde criança, meu avô já me aconselhava a estudar, a ser firme e convicta em tudo na minha vida".*

### **Sargento Darilene, como foi o seu processo de ingresso na Polícia Militar?**

Meu pai é policial militar (2º sargento Dario Monteiro), mas estudei a vida inteira para entrar para as Forças Armadas, porque sempre tive vontade de servir ao Exército Brasileiro. Após inúmeras tentativas fracassadas e o alcance da idade máxima para o ingresso, optei por estudar para o concurso da Polícia Militar, conseguindo minha aprovação em 2009, aos 24 anos de idade. No CFAP (Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças) tive uma experiência excelente e pude ter certeza da minha vocação, descobrindo meu perfil para o serviço operacional.

### **Além do seu pai, quem mais você diria que influenciou na sua formação como pessoa e como policial militar?**

Minha mãe (Terezinha Castro), meus avós (Lauro Castro (*in memoriam*) e Francisca Castro) e meus tios têm grande participação na minha formação e criação. Minha mãe trabalhou a vida inteira como secretária doméstica para pagar bons colégios e investir na minha educação. Fui criada pelos meus avós e tios, onde morávamos todos juntos na periferia do bairro do Marco. Desde criança, meu avô já me aconselhava a estudar, a ser firme e convicta em tudo na minha vida. Ele era nosso espelho dentro de casa. Um homem íntegro, forte e de grande personalidade. Minha avó cuidava do lar e de todos nós. Ela é minha mãe, amiga e conselheira; tudo o que sou hoje eu devo a todos eles.

### **Depois de formada, em quais unidades da PM e outros órgãos você já trabalhou?**

Fui do 20º Batalhão, onde atuei como policial comunitária. Também fui patrulheira e comandante de guarnição na ROTAM e no RPMONT. Agora, estou no Batalhão de Polícia de Choque. Além destas Unidades, trabalhei na Casa Militar da Governadoria, como agente de segurança. No Tribunal de Justiça do Estado, atuei como agente de segurança da Presidente do Tribunal, Desembargadora Luzia Nadja Guimarães do Nascimento, de 2013 a 2015, a quem sou muito grata por todo incentivo para concluir meu ensino superior, além de me autorizar a fazer meu Curso de Operações Fluviais. De 2020 a 2021, atuei na ONU como policial comunitária, exerci atividades da G1 Personel (seção de recursos humanos), fui motorista e Point Focal Genre (combate a crimes de violência contra a mulher).

### **Quando começou sua carreira acadêmica? E por que a língua francesa?**

Muito antes de pensar em ir para uma missão de paz, eu estudava francês pela internet, já tinha interesse em aprender outros idiomas. Então, em 2012 comecei a faculdade de Letras, licenciatura em francês, na Universidade Federal do Pará. Eu tinha me inscrito no vestibular da Universidade Estadual do Pará (UEPA), para o curso de inglês, e na UFPA para o francês. Como eu participei de uma apreensão de tráfico de drogas em Icoaraci, perdi a prova da UEPA, mas fiz a da UFPA e passei. Entrei com o objetivo de mudar de curso, mas no primeiro semestre me encantei pelo idioma e me formei em 2018, depois de precisar trancar a faculdade por um período.

***No seu Trabalho de Conclusão de Curso, você conciliou o idioma francês com a experiência que teve na PM. O que a motivou a escolher este objeto de estudo?***

A minha temática no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi “O ensino de línguas francesas para detentas visando a ressocialização e a reinserção no mercado de trabalho”. Fui orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Farias e obtive nota máxima na defesa TCC. A temática surgiu da experiência quando trabalhei na ROTAM, quando participei de muitas contenções de rebeliões e motins em presídios. Nessa convivência e nas ocorrências de apreensões de drogas, percebi que, na maioria das vezes, quando nós prendíamos um traficante, as mulheres deles assumiam seus lugares. Quando elas também eram presas, vi que, na cadeia, elas tinham cursos profissionalizantes e podiam fazer curso superior a distância. Elas também tinham acesso ao ensino de dois idiomas, o Inglês e o Espanhol, através do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Isso me despertou para desenvolver um trabalho com o ensino da língua francesa, aliando a minha profissão policial militar com os meus estudos em favor das detentas, permitindo assim qualificá-las profissionalmente a partir de um projeto de ensino para o aprendizado do francês. Com isso, elas poderiam retornar ao convívio social, trabalhando como recepcionistas em hotéis, como taxistas e garçonetes, atendendo turistas. Fiz um projeto de aulas para ensinar como elas poderiam abordar o cliente francófono (falante da língua francesa), dando a elas mais uma oportunidade para que, ao sair do presídio, pudessem ter um currículo melhor aproveitado no mercado de trabalho, por meio desse idioma, e não retornassem ao mundo do crime.

*"Fiz um projeto de aulas para ensinar como elas [as detentas] poderiam abordar o cliente francófono, dando a elas mais uma oportunidade para que, ao sair do presídio, pudessem ter um currículo melhor aproveitado no mercado de trabalho, por meio desse idioma, e não retornassem ao mundo do crime".*

***Na sua concepção, qual o diferencial que um policial com conhecimento acadêmico pode trazer para o serviço policial militar?***

A diferença é que um policial acadêmico possui conhecimentos que, acrescentados à vida policial militar, podem trazer grandes benefícios à Corporação, pois a nossa PMPA nos proporciona várias oportunidades de pôr em prática o que aprendemos na Universidade, associadas às inúmeras atividades existentes dentro da instituição, além de colocar a disposição da sociedade policiais evoluídos intelectualmente. Sempre incentivo meus colegas a estudar e buscar um nível superior e isso desperta um sentimento de preocupação com a coletividade. Porém, muitos colegas deixam de frequentar um curso superior porque não conseguem coincidir a atividade policial militar com a vida acadêmica. Penso que a tropa sempre precisa de bons incentivos, ajuda e oportunidade para se qualificar intelectualmente.

## ***Falando sobre a Missão de Paz na ONU, como foi o processo de seleção?***

Quando entrei na PM, eu soube que havia possibilidade de policiais militares participarem de missões nas Nações Unidas, mas era somente para Oficiais. Passados os anos, abriram seleção para Praças. Então, pensei sim na possibilidade de eu ir, mas achava que era uma coisa quase impossível. E justamente quando eu estava perto de me formar, participei do processo seletivo, entre os dias 10 e 14 de dezembro de 2018, no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil Sérgio Vieira de Melo (CCOPAB), localizado no Estado do Rio de Janeiro. Essa foi a primeira vez que o Exército Brasileiro abriu as portas para o ingresso de Praças juntamente com Oficiais. O processo seletivo avaliou 208 policiais militares de todo Brasil, mas apenas 52 foram escolhidos. Desses, 9 são mulheres. E no Pará, fui a única. O domínio do idioma francês contribuiu em 80% para a aprovação no processo seletivo, e é importante destacar os professores que foram absolutamente importantes na preparação para a participação do processo seletivo, como os professores Sonia Lumi, Myriam Cunha e José Carlos Cunha. A primeira fase do processo seletivo no CCOPAB foram os testes de compreensão escrita e oral e produção escrita e oral. A segunda fase foi a prova de informática. E a terceira, foi o teste de direção defensiva, quando foram realizados três tipos de baliza e condução do veículo nas ruas próximas ao CCOPAB. A quarta fase foi a prova de tiro, que consistia na montagem, desmontagem e execução de 10 disparos no alvo, a 7 metros de distância com pistola calibre .40 no tempo de 3 minutos. A quantidade de tiros para a aprovação era a partir de 9 disparos. Na quinta e última fase, foi realizada a entrevista que, além de avaliar o nível de proficiência em francês, também avalia o perfil do policial para participar de uma missão de paz.

*“Posso dizer que toda a experiência adquirida na PMPA, especialmente durante o serviço de patrulhamento urbano na ROTAM, foi essencial para fazer esse trabalho de relação direta com a comunidade, dessa presença que gera confiança na polícia, de conquistar a população oferecendo segurança pública de qualidade, buscando a excelência”.*

## ***Como foi lidar com a distância da família ao longo desses 18 meses de missão?***

Foi impactante. Eu havia planejado vir ao Brasil de 3 em 3 meses, mas devido à pandemia, os aeroportos foram bloqueados e fiquei 9 meses seguidos lá. Porém, eu consegui administrar essa saudade: recorri à tecnologia, como o *Whatsapp* e o *Google Meet*, para poder ver o meu filho (Ulysses Moura) e o meu marido (3º Sargento Douglas Moura) com frequência. Eu conseguia ajudar meu filho a fazer o dever de casa por meio de um aplicativo em que é possível interagir. O meu almoço coincidia com o café da manhã deles, então nós conseguíamos conversar todos os dias. O que mais me confortava é que todos os meus familiares estavam bem, apesar da pandemia. Eu e minha família fomos orientados para que eu não recebesse notícias ruins, para não comprometer a minha saúde mental na missão. Inclusive, meu filho contraiu Covid e eu não fiquei sabendo na época. Quando os aeroportos foram bloqueados pela segunda vez, decidi que era hora de dar um basta na missão e voltar ao Brasil de vez.

*“Entre todas as atividades que exerci na missão, a que mais gostei foi a de agente de polícia comunitária, pois tive a oportunidade de conhecer os reais problemas da missão, da população e das comunidades locais daquele país”.*

### **Como foi trabalhar fora do país em plena pandemia da Covid-19?**

No período da pandemia, as patrulhas passaram por um processo de mudança, pois além de cumprir nossas funções habituais, passamos a ter que sensibilizar a população e os policiais a respeito da Covid-19, e sobre as medidas protetivas para impedir a propagação do vírus. No momento das patrulhas, além de oferecer segurança e ajuda social, tínhamos como objetivo aumentar a credibilidade da população no nosso trabalho (ONU) e no trabalho da Polícia Centro-Africana, aproveitando para inibir práticas delituosas através da nossa “ação-presença” durante as patrulhas. Posso dizer que toda a experiência adquirida na PMPA, especialmente durante o serviço de patrulhamento urbano na ROTAM, foi essencial para fazer esse trabalho de relação direta com a comunidade, dessa presença que gera confiança na polícia, de conquistar a população oferecendo segurança pública de qualidade, buscando a excelência. Lá na África, era exatamente isso que se buscava: combater a criminalidade e oferecer segurança pública de qualidade com a participação da comunidade.

*“Eu pedi para sair do Tribunal de Justiça do Estado para fazer o Curso de Operações Fluviais. Era meu sonho ter um curso operacional”.*

### **Qual é, hoje, sua avaliação de toda essa experiência?**

Os dez anos de experiência no Batalhão ROTAM, Segurança de Autoridades, os conhecimentos adquiridos no Curso de Operações Fluviais, a atuação como agente de polícia comunitária no 20º Batalhão, somados aos 02 meses de Estágio Preparatório para Missões de Paz, realizado no CCOPAB, foram determinantes para que eu pudesse desenvolver um excelente trabalho na República Centro-Africana como policial das Nações Unidas. Ao chegar na missão, no dia 23 de janeiro de 2020, passei por um curso chamado Induction Training, que consiste em um treinamento e transmissão de conhecimentos para desenvolver as atividades naquele país. Após a aprovação nos 2 processos e a análise curricular junto com a entrevista final, fui designada Agente de Polícia Comunitária e de Proximidade no 8º Distrito da Capital Bangui. Entre todas as atividades que exerci na missão, a que mais gostei foi a de agente de polícia comunitária, pois tive a oportunidade de conhecer os reais problemas da missão, da população e das comunidades locais daquele país. Por meio do contato com as lideranças comunitárias, nós conseguíamos descobrir, por exemplo, onde tinha armamento escondido por grupos armados. Muitas das coisas que eu aprendi no 20º Batalhão, como policial comunitária, eu coloquei em prática na missão da ONU.

*“Sinto o carinho, o reconhecimento, o respeito, e eu tento, de toda forma, retribuir. As pessoas, às vezes, cumprimentam e dizem “olha a cabo que foi para a ONU”. Então, ser reconhecida pela tropa, ver mulheres querendo saber como foi a missão e o que fazer para poder participar, é gratificante.”*

**Você já passou por três unidades de missões especiais da PM, e isso ainda é pouco comum para o público feminino na instituição. Por que decidiu encarar esse desafio?**

O dom e identificação com o trabalho operacional, em lidar com trabalhos mais complexos, a satisfação pessoal e profissional em ser combatente, em chegar a lugares onde pouco(a) se podem chegar, superação e cumprimento de metas pessoais são os motivos iniciais da decisão de encarar esse desafio. Eu pedi para sair do Tribunal de Justiça do Estado para fazer o Curso de Operações Fluviais em 2015. Era meu sonho ter um curso operacional. Quando passei pela Casa Militar, também pedi para sair e ir para o BPOT, fiz o 2º Nivelamento de ROTAM e o Combate Urbano (conhecimentos básicos para atuação no então Batalhão de Polícia Tática, hoje Batalhão ROTAM). Em 2022, também concluí a Capacitação de Policiamento Montado, no Regimento de Polícia Montada “Cassulo de Melo” da PMPA. Encarei esses desafios com o objetivo de me qualificar para oferecer segurança pública com eficácia e qualidade para a PMPA e para a sociedade, servindo com excelência ao nosso Estado. O que se aprende nas Unidades Operacionais é algo que serve para a vida inteira, inclusive para a autoproteção. Nós abrimos mão da nossa feminilidade, de estar com os nossos filhos e maridos ou cuidando do nosso lar para nos qualificar, dar o nosso melhor para a nossa Polícia Militar e para a nossa população.

**Após retornar da missão, você sente alguma diferença na forma como os colegas de trabalho lhe enxergam?**

Sinto o carinho, o reconhecimento, o respeito, e eu tento, de toda forma, retribuir. As pessoas, às vezes, cumprimentam e dizem “olha a cabo que foi para a ONU”. Então, ser reconhecida pela tropa, ver mulheres querendo saber como foi a missão e o que fazer para poder participar, é gratificante. Eu faço o que posso para encorajá-las, já que a ONU quer igualar o quantitativo entre homens e mulheres. As mulheres, na missão, têm estratégias menos violentas que os homens, geram um impacto de saber mediar conflitos. Quando encontro policiais femininas que abordam, eu faço de tudo para encorajar. “Vamos estudar inglês, vamos estudar o francês. Dá tempo”. O que eu posso orientar, transmitir esse conhecimento para que multiplique e para que outras mulheres possam ir, eu faço de coração.

*“Sinto o carinho, o reconhecimento, o respeito, e eu tento, de toda forma, retribuir. As pessoas, às vezes, cumprimentam e dizem “olha a cabo que foi para a ONU”. Então, ser reconhecida pela tropa, ver mulheres querendo saber como foi a missão e o que fazer para poder participar, é gratificante.”*



Fonte: Arquivo Pessoal da entrevistada, 2020.



***Neste ano, a PMPA celebra os 40 anos de ingresso da Mulher na Corporação. Como você avalia a participação feminina na PMPA hoje?***

Hoje a mulher está mais atuante. Vemos muitas mulheres treinando, correndo atrás de um curso operacional e eu fico feliz por isso, porque antes somente homens conseguiam concluir, e hoje em dia você vê que existem mulheres que são focadas em realizar esse sonho. Eu espero um dia ver uma mulher comandando a ROTAM, comandando um Batalhão de Choque. Nós precisamos cada vez mais das mulheres ocupando esse espaço e vamos conseguir ter. Já temos mulheres formadas em Curso Operacional de ROTAM, Curso de Ações de Choque, Curso de Operações de Choque, e Curso de Tropa Montada, que considero um dos mais difíceis para nós, mulheres. Tenho muita admiração por essas mulheres e graças a elas um dia vamos ter a oportunidade de ver uma mulher comandando uma tropa operacional especializada. Isso demonstra que gênero não define capacidade nem competência para comandar, liderar, assumir grandes responsabilidades e desenvolver um excelente trabalho. Afinal, sempre ouvimos e concordamos com a frase que diz "Lugar da mulher é onde ela quiser!". Que essas histórias possam se multiplicar cada vez mais!

*"Eu espero um dia ver uma mulher comandando a ROTAM, comandando um Batalhão de Choque. Nós precisamos cada vez mais de mulheres ocupando esse espaço e vamos conseguir ter."*

